



---

## INTRODUÇÃO

De segunda a sexta, por volta das seis da manhã, com céu e raios de sol ainda embaçado pelo orvalho, toca como despertador o grito das mães apressadas para acordar suas crias enquanto preparam o café. O carro da escola logo se aproxima, arrastando poeira enquanto carrega as crianças moradoras da zona rural em direção ao letramento na cidade mais próxima.

Na frente da escola, operários vestidos com calças jeans e botas atravessam a rua lentamente carregando pesados bastonetes. Isolam uma área considerável da rua e acionam para que se aproxime o caminhão e a retroescavadeira amarela. Do caminhão, peças metálicas irrompem o asfalto, preenchendo as ruas tranquilas com o ruído estorrecedor dos seus golpes rompedores. Enquanto isso, na escavadeira em ponto-morto, o motorista

tremelica, esperando seu momento de atuação na esteira asfáltica da qual retira camadas de asfalto novo, asfalto velho, pedras de calçamento, areia, raízes, insetos, sementes sufocadas e outras múltiplas formas de existência que insistem em extrapolar a crosta civilizatória, criando a necessidade de um novo serviço.

Na escola, as crianças permutam a leitura de algumas páginas do livro de ciências. Na esteira da leitura, a primeira criança dá a partida ao ler a primeira frase, e a chegada ao ponto final representa o início da leitura da próxima criança. A cadência e o ritmo das diferentes vozes, com suas próprias pausas, movimentam o texto inerte do livro de ciências, apresentando o conceito de ecossistema. A professora ilustra um ecossistema falando sobre os insetos e as teias que se formam embaixo de uma jarra d'água, que há muito vem cumprindo sua função sem nunca ter sido arrastada do canto da sala. Assim, na sala de aula com cadeiras enfileiradas, segue a esteira do letramento sobre a terra e a vida multiespécie.

“Cidade grande, moça bela  
Tu tens o cheiro da ilusão (...)”

Canta o poeta Petrúcio Amorim na canção *Cidade grande*, símil com as reflexões do antropólogo Tim Ingold no seu livro *Being Alive* sobre a ilusão das cidades modernas. Ambos referindo-se à ilusão que toma partido da vida sem solo, Ingold refere-se à ilusão criada pela pavimentação das ruas das cidades, o que dá aos seus habitantes a possibilidade de percorrê-la sobre diversos tipos de pavimento, sem que haja nenhum contato com a terra.<sup>01</sup>

Como prova disso, dados apontam que cerca de 40 milhões de brasileiros vivem em capitais que já foram Mata Atlântica e outros 10 milhões em capitais construídas sobre o que já foi Floresta Amazônica.<sup>02</sup> Ao serem consideradas também as cidades médias e pequenas construídas a custo desses ecossistemas, 70% da

.....  
Autores

Autores

população brasileira<sup>03</sup> vive sobre algum território de devastação multiespécie, sem contato com o ecossistema ecológico, na fantasia pavimentada de um lugar sem terra.

Para Krenak (2020), essa ilusão de vida sem terra é evidenciada quando uma criança acredita que o leite vem da caixa, pois não vê a vaca, e que a água vem da torneira ou da garrafa, pois não vê a fonte. A conexão entre a vida e o ecossistema, a natureza e a ecologia local é negligenciada, transformando a cidade em uma plataforma que poderia existir em qualquer lugar, inclusive em Marte. Viver na Terra exige o reconhecimento de que a água que vem da torneira tem origem em nascentes e rios. No entanto, esses rios estão sendo destruídos para viabilizar a vida urbana.<sup>04</sup>

A devastação em massa, segundo Warren Dean, seria “o prestígio da urbanidade, transmitido pelos portugueses como meio de confirmar seu *status* superior em ambiente estranho”. Caracterizando uma prática que sobrevive até os dias de hoje, a criação do ambiente urbano foi um elemento básico para a dominação de diversas nações colonizadas: a cidade e o progresso se opondo à floresta, como a civilização à barbárie.<sup>05</sup>

É aqui que se concentra o interesse deste trabalho: atenuar a oposição sociedade x natureza que tem sido bastante convencional nas humanidades e nas ciências modernas, dentre elas o *design*. Essa oposição define o que é chamado de disciplinas humanistas estabelecidas no Ocidente, que quase nunca lida com relações sociais que não surgem em função dos seres humanos.

Há pelo menos duas décadas, pesquisadores como Donna Haraway, Bruno Latour, Tim Ingold, Philippe Descola, Anna Tsing e, no Brasil, principalmente Eduardo Viveiros de Castro, vinham desafiando o excepcionalismo humano e o lugar do homem-indivíduo-masculino na sociedade, bem como a dissolução das barreiras entre humanos e não humanos.<sup>06</sup>

.....  
Autores

Autores

Autores

Autores

Entretanto, a virada ontológica que se desdobra dessa expansão, que é indissociável do pensamento dos povos afroindígenas, não tem encontrado ressonância naquelas práticas e disciplinas dedicadas à fabricação dos artefatos humanos.<sup>07</sup> As disciplinas “humanistas” e cujos produtos são resultados fundamentalmente do trabalho humano<sup>08</sup> – dentre as quais a arquitetura, o urbanismo e o *design* – historicamente desconsideram agenciamentos e relações que escapam à lógica do trabalho e à razão humana. Hoje, no entanto, *designers* ocupem a posição de investigadores sentipensantes, em razão das urgências ecológicas que afrontam as pessoas.

Esse fator caracteriza, também, a negação dessas disciplinas aos saberes dos povos originários. Pois, ao negar as relações multiespécies, nega a cosmovisão daqueles que veem o mundo como uma teia interconectada de relações, onde todos os seres vivos e elementos do ambiente estão interligados. Esses povos reconhecem a presença de inteligência em todas as formas de vida, valorizando a diversidade, tanto humana quanto biológica, e entendendo a importância de cada indivíduo, grupo étnico e espécie para a integridade e a riqueza do mundo natural. Essa visão, que Arturo Escobar<sup>09</sup> vai denominar de pluriverso, percebe, assim como fazem os povos originários, as potências visíveis e invisíveis presentes na essência da Natureza. Enquanto o pensamento moderno dominar as práticas do *design*, da arquitetura e das engenharias, será difícil reconhecer, no desejo de transformação, que não seja aquele que Ilya Prigogine tomou como o causador da morte entrópica do Planeta. São palavras duras, mas necessárias quando se deseja entender o papel do indivíduo entre mundos.

O que Marilyn Strathern recomendaria para os Modernos – agentes que se dizem comprometidos de um modo ou de outro com o avanço implacável da frente de modernização, dentre eles arquitetos, urbanistas e *designers* – é refrear o ímpeto de aplicar a dicotomia natureza-cultura a contextos sociais e culturais distintos

.....

Autores

Autores

Autores

do Ocidente, pois “não existe cultura, no sentido dos trabalhos cumulativos do homem, e não existe natureza a ser amansada e tornada produtiva”.<sup>10</sup>

Esses impasses são bastante desafiadores para o universo das Ciências Sociais Aplicadas. E um desafio emergente para essa área de conhecimento é metamorfosear-se para repensar seu campo e suas ferramentas de modo a incluir muito mais que o homem, ou seja, toda a coletividade que hoje está relegada à função de entorno. E isso demanda esforço consciente para aliar, em pensamento e prática, o conhecimento de sabedorias preexistentes ao moderno.

Nesse sentido, a escolha do tema deste capítulo emerge da necessidade de adaptação conjunta com espécies vivas e não vivas aos ecossistemas de perturbação humana.<sup>11</sup> Um “reflorestamento” no modo de pensar *design* implica, também, olhar para a capacidade dos não humanos de responderem às práticas humanas de maneira diferente daquela pretendida pelo projeto de *design*. Dado que suas respostas não são necessariamente fruto de intenções humanas, mas sim de adaptação conjunta aos programas de transformação de terra, água e ar.<sup>12</sup> Se não se considerar a urgência dessa mudança e metamorfose, o que estará sendo feito é “revegetar” (termo extraído do manual de biologia e plantio de espécimes), que significa cobrir com forrageiras e espécimes endêmicas ou não determinado local degradado.

Partindo desse fenômeno que é a convivência multiespécie com a cosmopolítica dos povos afroindígenas, debruça-se sobre as oportunidades para pesquisa em *design*, considerando muito mais que a espécie humana. Dessa forma, buscam-se as possibilidades para um pensamento de *design* mais conectado com a pluralidade de ser e estar na terra.

.....

Autores

Autores

Autores

---

## ESTAR VIVO E TRAZER SERES À EXISTÊNCIA: POR UM *DESIGN* ANIMISTA

A sombra que me acompanha  
Não é a que me socorre  
Se eu andar, ela anda  
Se eu correr, ela corre  
E é mais feliz do que eu  
Nem adoece e nem morre  
(BASTIÃO, 2019.)

Uma das maiores qualidades do humano desde o nascimento da linguagem na França (quase paralelamente ao *design* na Alemanha) foi a do estudo e do reconhecimentos dos signos. Seu valor simbólico e suas indexações. O poema citado mostra isso: a importância das indexações mnemônicas para que se construir o valor imaginário. Este acompanha o homem junto às transformações que ele busca para sobreviver. Uma relação que perceba os signos da natureza e os considere vida viva saberá lidar com as diversas tramas da humanidade sem deixar de considerar o espaço em que se habita.

As pessoas nem sempre concordam sobre o que é vivo e o que não é. Mas não é difícil se obter consenso sobre o que existe ou inexistente. É difícil encontrar um pensamento universal acerca disso, porque, para muitos, a vida não emana de um mundo que já existe povoado, ela é inerente ao processo de vir a ser no mundo. As pessoas que têm essa compreensão da vida são descritas pela cultura euro-ocidental como animistas.

Para Viveiros de Castro (2002), o animismo é uma perspectiva ontológica que desafia a dicotomia entre natureza e cultura e propõe que todos os seres, sejam humanos ou não humanos, possuem agência e subjetividade. O animismo é uma forma de compreender e viver o mundo que reconhece a existência de múltiplas formas de vida e atribui a elas uma qualidade animada e consciente.

Ele o destaca como uma perspectiva multinaturalista, em oposição ao naturalismo. Enquanto o naturalismo considera a natureza

um objeto a ser estudado e controlado pelo ser humano, o animismo multinaturalista reconhece a existência de múltiplas ontologias, cada uma com suas próprias lógicas e perspectivas. Nesse sentido, o animismo desafia a supremacia humana e promove uma coexistência mais equilibrada entre os seres vivos. O *design*, ao reconhecer sistemas complexos e propor elaborações sobre eles, deveria sobremaneira adotar essa perspectiva.

Para incorporar o animismo ao *design*, é necessário que unir saberes em rede, e isio aponta para o fazer em pluriverso, como Escobar bem descreveu:

“A tarefa do *design* e da antropologia é integrar e desenvolver essas qualidades tradicionais em novos modos de pesquisa e colaboração, trabalhando para a transformação sem sacrificar a empatia e a profundidade de compreensão.” (ESCOBAR, 2012.)

Assim, o animismo é uma forma de decolonizar o pensamento moderno eurocêntrico, que historicamente hierarquiza e separa seres humanos e não humanos. Ao reconhecer a agência e subjetividade de todos os seres, o animismo busca superar essa distinção e promover uma visão mais inclusiva e respeitosa do mundo. Dentro dessa lógica, não existe natureza a ser amansada e tornada produtiva, mas um campo de relações dentro do qual seres de todos os tipos trazem uns aos outros a existência.<sup>13</sup>

Para Ingold (2015), todos são animistas, no entanto alguns são animistas “dentro do armário”, posto que o fazem sem percebê-lo. Para argumentar, ele cita Guthrie,<sup>14</sup> afirmando que um ser humano, ao não saber se algo está vivo ou não, tem melhores chances de sobrevivência ao presumir que está. Dado que aqueles que tomam rochas por jacarés têm mais chances de sobrevivência do que os que assumem o contrário.<sup>15</sup> O autor argumenta que não animistas intuitivos não

.....  
Autores

Autores

Autores



foram selecionados em razão de encontros infelizes com coisas que acabaram sendo mais vivas do que o previsto. Portanto, sugere-se que, sempre que as pessoas caminharem por uma cidade ou mata, devem se perguntar conscientemente a respeito da vivacidade de tudo que as toca.

Se voltar ao animismo é uma tentativa de recuperar a abertura original de ser com o mundo em contraponto ao pensamento que opera no Ocidente,<sup>16</sup> onde seres originalmente abertos para o mundo se fecham em si mesmos, protegendo sua constituição interna do tráfego de interações com o entorno. Voltando-se a ser em um mundo que não é preordenado, mas incipiente, sempre à beira do atual. Sempre em nascimento contínuo.

Ao adotar uma perspectiva animista, o *design* não trata a natureza como algo a ser dominado e tornado produtivo, mas reconhece a ocorrência de um campo de relações em que seres de todos os tipos coexistem e se influenciam mutuamente. Essa abordagem desafia a visão tradicional do *design* como atividade humana dominante e instrumental e incentiva uma prática mais sensível e ética para a vida. O *design* animista reconhece a coexistência de múltiplas perspectivas e valoriza a diversidade de formas de vida para um mundo que não está pronto e pré-formatado, mas em contínua formação. É fazer *design* com o que se tem na hora. Perceber esse espaço tempo é outra estória. O local, o acaso, as temporalidades envolvidas no dia a dia das populações vivas passam, com facilidade, despercebidas ao universo do *design*. Por isso a importância do olhar da antropologia como um metafator a ser considerado no *design*.

.....  
Autores

---

## REFLORESTAR O PENSAMENTO DO DESIGN

O pai morava no fim de um lugar.  
Aqui é lacuna de gente ele falou:  
Só quase que tem bicho, andorinha e árvore.  
Quem aperta o botão do amanhecer é o arãquã.  
Um dia apareceu por lá um doutor formado: cheio de  
suspensórios e ademanes.  
Na beira dos brejos gaviões-caranguejeiros comiam  
caranguejos.  
E era a mesma distância entre as rãs e a relva.  
A gente brincava com terra.  
O doutor apareceu. Disse: Precisam de tomar  
anquilostomina.  
Perto de nós sempre havia uma espera de rolinhas.  
O doutor espantou as rolinhas.  
À mesa o doutor perorou:  
Vocês é que são felizes porque moram neste Empíreo.  
Meu pai cuspiu o “empíreo” de lado.  
O doutor falava bobagens conspícuas.  
Mano Preto aproveitou:  
Grilo é um ser imprestável para o silêncio.  
Mano Preto não tinha entidade pessoal, só coisal.  
(Seria um defeito de Deus?)  
A gente falava bobagens de à brinca, mas o doutor  
falava de à vera.  
O pai desbrincou de nós:  
Só o obscuro nos cintila.  
Bugrinha boquiabriu-se  
(BARROS, 1996.)

Manoel de Barros brinca com a forma que o agir cartesiano do doutor se distancia da vida e do movimento das rolinhas, da criança e de Mano Preto. O conceito de reflorestar aqui proposto é entendido

no que diz respeito à restauração de ecossistemas florestais danificados, dentre eles o humano. A intenção é restabelecer os serviços ecossistêmicos associados às florestas em sua relação com a humanidade. Assim, ao entender as práticas e as atividades humanas como parte desse ecossistema florestal, refere-se aqui à necessidade de promover uma mudança de mentalidade e de valores em relação à natureza e ao meio ambiente.

A ideia de reflorestar o imaginário proposta por Krenak (2020) está intrinsecamente ligada a resgatar uma visão interconectada e integral do planeta. Esse resgate reconhece a interdependência de todas os seres como algo essencial para revitalizar e desbloquear o potencial da vida como um todo. Essa mudança de perspectiva exige a superação do pensamento cartesiano e a busca por novas abordagens capazes de constituir novos imaginários integrados. Um imaginário, individual ou coletivo, não se forma do dia para a noite, muito menos com a ideia de algo ou alguma ação pontual. É necessário o cultivo como se cultiva uma agrofloresta: na observação atenta e respeitosa sobre quais espécies que estão ali coexistindo. Não se trata de endemismos apenas, mas de sensibilidade para retomar às teias da vida no ecossistema chamado cidade. Segundo a visão animista, cidades podem vir a se tornar menos danosas.

---

## CIDADES EM TRAMA

A atenção que Ingold (2015) dá às linhas — não às linhas dos livros de regras gramaticais da escola ou de *designers* e arquitetos modernistas, mas as que movem a trajetória das atividades da vida — é um ótimo ponto para rastrear fenômenos sociais e inverter a lógica de pensamento cartesiano. Em seus estudos, ele emprega esforços para revelar o que ele chama de “malhas”, que são linhas emaranhadas de vida, crescimento e movimento.<sup>17</sup>

Diferente das linhas que conectam pontos ou juntam as coisas, essas malhas são formadas por linhas ao longo das quais são tecidas as relações com o mundo. O autor assemelha essas linhas e malhas

---

Autores

às teias de aranha. Isso porque as linhas secretadas do corpo da aranha, enquanto ela se move, são as linhas ao longo das quais ela percebe e age sobre o mundo. A aranha sabe que uma mosca pousou em algum lugar nas margens externas de sua teia, porque por meio de suas pernas esguias supersensíveis capta as vibrações pelos fios.<sup>18</sup>

Portanto, as linhas-fio da teia estabelecem as condições para que a aranha se relacione ao longo de sua teia.<sup>19</sup> Reconhecendo que a vida dos organismos geralmente se estende ao longo de várias linhas que se cruzam e conectam-se entre si. Nenhum organismo existe sozinho, a coletividade é inerente à existência. O autor aproxima o conceito de malha como algo próximo do entendimento de mundo de povos originários, no qual os seres surgem em um mundo em formação, ao longo das linhas de seus relacionamentos. Dessa forma, o organismo passa a ser entendido não como entidade limitada rodeada por um ambiente, mas como emaranhado ilimitado de linhas de relacionamento em um espaço fluido.<sup>20</sup>

Pensar *design* fora da lógica cartesiana é um convite à exploração das capacidades intuitivas, emocionais e racionais, porque isso torna-se uma condição essencial para a compreensão e a interação com espécies que não são capazes de comunicar-se por palavras. O que convida a adotar a posição de ser sentipensante<sup>21</sup> que considera e encara a subjetividade individual e coletiva, assim como as experiências pessoais e emocionais na busca por um conhecimento mais completo e contextualizado. E mais, é unir razão à emoção dentro de uma lógica de alteridades em que não se pressupõe isso ou aquilo sobre um fato ou ente. É por saber que não se sabe é que se pode estar entre.

Portanto, significa considerar que não se projeta apenas para o usuário, mas para todas as relações que se estabelecem ao longo de sua malha. Em oposição à abordagem modernista cartesiana que separa mente e corpo, sujeito e objeto, natureza e cultura. É proposta aqui uma abordagem mais conectada, em que a prática do *design*

.....  
Autores

Autores

Autores

Autores

esteja enraizada em relações dinâmicas entre seres humanos e o mundo ao seu redor. Caracterizando uma prática mais relacionada com atividades de tecer e entrelaçar do que de construir e fabricar.

Há cerca de duas décadas, a arquitetura, principalmente em cidades gentrificadas passou a se utilizar do retrofit, prática adaptativa em edifícios e construções cujo valor comercial ou estético não se adequavam, seja por razões econômicas ou de gentrificação. Ora, o retrofit se utiliza de ruínas conceituais para criar algo novo e engajado ao *status* do local. Porque o *design* e a arquitetura não se valem de novos conceitos para adaptar as ruínas que constituem as cidades (no sentido do *design* centrado apenas no humano) e adaptar para ressignificá-las?

---

## SOMOS DA TERRA

atropelar	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar Eu vivo no mundo com medo, do mundo me
embolar	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar E o mundo por ser redondo tem por destino
parar	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar Desde que o mundo é mundo, nunca pensou de
rodar	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar E tem hora que até me canso de ver o mundo
acalentar	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar Quando eu vou dormir eu rezo pro mundo me
acordar	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar De manhã escuto o mundo gritando pra me
	Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar

Ouço o mundo me dizendo: corra pra me  
acompanhar!  
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar  
Se eu correr atrás do mundo vou gastar meu  
calcanhar  
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar  
Eu procurei o fim do mundo porém não pude  
alcançar  
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar  
Também não vivo pensando de ver o mundo  
acabar  
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar  
Nem vou gastar meu juízo querendo o mundo  
explicar  
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar  
E quando um deixa o mundo tem trinta querendo  
entrar  
Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar  
(SIBA; 2007.)

O mundo não é um substrato inerte no qual os seres vivos movem-se como peças em um tabuleiro de xadrez ou atores em um palco.<sup>22</sup> Nessa lógica, há sempre um objetivo final a ser moldado e sintetizado que trata a terra como uma superfície a ser conquistada e domada. Para Antônio Bispo dos Santos, líder e pensador quilombola, o pensamento que rege essa forma de vida é linear. Em contraponto a isso, Nêgo Bispo trás o pensamento circular dos povos afroindígenas “pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar”.<sup>23</sup> Cientes de que a “terra não é nossa, nós somos da terra”.<sup>24</sup> Portanto, não se trata de conquistar e domar a terra, mas de relacionar-se com um mundo em constante

.....

Autores

Autores

Autores

nascimento que vive e se forma de acordo com as relações que a Terra oferece.

Diante disso, uma ciência pautada num saber que busca apreender e deter o saber em suas regras e categorias é resultante e resulta num operar de saber sintético. Esse conceito de saber sintético e saber orgânico é trazido por Bispo (2018), que fala sobre o saber orgânico como operador ser e do bem viver e do saber sintético como operador ter e do viver bem.

Compreendemos que há um saber orgânico e um saber sintético. Enquanto o saber orgânico é o saber que se desenvolve desenvolvendo o ser, o saber sintético é o que se desenvolve desenvolvendo o ter. Somos operadores do saber orgânico e os colonialistas são operadores do sintético.

Quando o Deus dos brancos disse que a terra estava amaldiçoada por causa de Adão e Eva e que comeriam com a fadiga do suor, ele disse que não poderiam desfrutar da natureza como ela se apresenta. Logo, eles precisariam sintetizar tudo. E assim eles saíram mundo afora sintetizando – inclusive a si próprios. Grande parte do pensamento dos brancos é sintetizado. O pensamento produzido nas academias é um pensamento sintético. É um saber voltado para a produção de coisas (...) (SANTOS, 2018.)

Esta forma de ser e pensar conflui com tudo aquilo que movimenta, dá forma e direção ao mundo em que as pessoas vivem, como o vento, chuva, sol, névoa e os demais fenômenos relacionados ao clima. Esses fenômenos ditam movimentos e criam possibilidades de subsistência.<sup>25</sup> Trata-se de uma esfera na qual pessoas poderosas não buscam estampar sua vontade sobre a terra, mas vivenciá-la e relacionar-se com ela.<sup>26</sup> Dessa forma, o céu não é uma

.....  
Autores

Autores

superfície, real ou imaginária, mas um meio habitado por uma variedade de seres como sol, lua, vento, trovão, pássaros. Nessa cosmologia o mundo está em fluxo perpétuo e os seres que dele participam seguem seus vários caminhos.

Para Ingold, a ciência tal como está repousa sobre uma fundação impossível, porque a transforma o mundo em um objeto de preocupação. As condições protocolares que permitem aos cientistas conhecerem o mundo os levam ao afastamento e tornam impossível que eles estejam no mundo conscientes disso. Assim, tanto Ingold quanto Bispo falam de um saber que deve estar conectado ao ser e ao pensamento com a vida.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tenta trazer o conceito de reflorestar para o pensamento do *design*, no qual é proposta uma mudança de mentalidade e de valores na relação com a Terra. De modo que a ideia de natureza como algo inerte a ser amansado e tornado produtivo se dissolva e passe a operar o pensamento que a considera indissociável da existência humana. Carregando múltiplas formas de vida que, por sua vez, também são dotadas da capacidade de agenciamento e subjetividade. Portanto, composta por seres totalmente capazes de responder às práticas humanas de uma maneira diferente daquela pretendida pelo projeto de *design*.

Essa mudança de mentalidade parte da ontologia anímica de Viveiro de Castro, que por meio da perspectiva multinaturalista, reconhece a existência de múltiplas ontologias, desafiando a supremacia humana e promovendo a coexistência mais equilibrada entre os seres vivos. Buscando superar a distinção entre humanos e não humanos, à medida que descoloniza o pensamento ocidental ainda ressonante nas práticas e disciplinas dedicadas à fabricação de artefatos humanos.

Aliando-as ao pensamento em fios que se encontram em Ingold e no que consistiria o *design* pluriversal proposto por Escobar. Essa superação da dicotomia homem-natureza, sentir/pensar, leva em



consideração a necessidade de se desfazer do pensamento sintético<sup>27</sup>, no qual artefatos e relações são sempre projetadas de maneira artificial, e dá lugar ao pensamento orgânico<sup>28</sup> que se abre para o tráfego de interações do corpo com o entorno, entendendo que nada é preordenado e está sempre em nascimento continuado. De modo a trazer para o *design* práticas mais dinamizadas em relações pluri-versais entre seres humanos e o mundo ao seu redor, práticas estas que são mais voltadas ao tecer e entrelaçar do que ao construir e “fabricar.

Bem, se o sentipensamento é não excludente – une razão e emoção para que se viva de forma rizomática –, a natureza artificial também não entraria nessa soma? Para avançar na compreensão do multianímico, do multinaturalista e do orgânico é necessário tempo de troca, observação participante – estar aberto para receber e nutrir o imaginário novamente, no povo das cidades e no construtor delas – para uma transição que não exclua, mas que aceite entender da trama orgânica e inorgânica do mundo natural e tecê-la, segundo os traçados colaborativos com a também existente natureza artificial humana. Caso contrário, a humanidade estará fadada a ter de esperar um grande tsunami para construir sobre ruínas. A destituição da natureza transformadora é uma preocupação quase naive. Reconhecer as malhas e tramas em que se vive de forma natural ou não é fundamental para se reconhecer na errância e exercer, como *designers*, arquitetos, artistas, a transição para o redesenho de nossas “ruínas” projetuais.

O reconhecimento dessas malhas de relações e da agência e subjetividade de todos os seres podem ter impacto significativo na prática do *design*, promovendo uma abordagem mais conectada e respeitosa em relação ao meio ambiente. Isso levará aos seguintes desdobramentos:

1. sensibilidade aos sistemas ecológicos: ao reconhecer as malhas de relações que existem nos ecossistemas, os *designers*

.....  
Autores

Autores

- podem desenvolver uma sensibilidade mais aguçada em relação aos impactos de suas criações. E considerar os diferentes elementos do sistema, como plantas, animais, recursos naturais e comunidades humanas. Assim, passa a atuar de forma a preservar e fortalecer essas relações em vez de prejudicá-las;
2. cocriação com a natureza: ao admitir a agência e a subjetividade de todos os seres e ver a natureza como parceira criativa, os *designers* podem buscar colaboração com os processos naturais, envolvendo-se em práticas que respeitem os ciclos naturais, incorporando materiais e técnicas sustentáveis, e envolvendo a comunidade local e as partes interessadas no processo de *design*;
  3. adoção de abordagens inclusivas: reconhecer a agência e a subjetividade de todos os seres significa adotar uma perspectiva inclusiva no *design*. Os *designers* podem se esforçar para incluir diferentes pontos de vista, conhecimentos e necessidades, tanto humanos quanto não humanos, em seu trabalho. Isso pode levar a soluções mais equitativas e justas, que considerem os impactos em todas as partes envolvidas;
  4. postura ética e responsável: reconhecer a agência e a subjetividade de todos os seres envolve também maior responsabilidade ética. Ao questionar o paradigma dominante que coloca os seres humanos como superiores e separados da natureza, o *design* adota uma postura de cuidado e respeito. Isso implica considerar os impactos sociais, ambientais e culturais de suas criações, bem como buscar alternativas que minimizem danos e promovam benefícios para todos os envolvidos;
  5. praticar o *design* regenerativo: ao considerar as malhas de relações e a agência de todos os seres, os *designers* podem se engajar no *design* regenerativo, que visa a restaurar e fortalecer os sistemas vivos. Isso pode envolver a criação de projetos que regeneram ecossistemas degradados, promovam a biodiversidade de forma sustentável e que incentivem a resiliência das comunidades;
  6. desenvolver um *design* trans-humano sentipensante com ênfase na observação cuidadosa e reflexiva da experiência humana, incluindo as sensações físicas, as emoções

e os pensamentos para desenvolver maior consciência e compreensão de suas próprias suposições, crenças e preconceitos, permitindo a análise mais crítica e reflexiva em uma abordagem mais integrada da experiência humana.

Essa postura busca desafiar as estruturas coloniais presentes no campo do *design*, que historicamente marginalizaram e suprimiram conhecimentos, perspectivas e práticas de culturas não dominantes. Assim, uma abordagem conectada e respeitosa do *design* tem implicações significativas no processo de decolonização, à medida que incorpora o modo de ser e pensar do povo afro indígena abre uma transformação profunda nas práticas e nas visões dominantes. Incluindo perspectivas diversas e historicamente marginalizadas.

Ao reconhecer a agência e a subjetividade de todos os seres, as hierarquias e os poderes presentes no *design* são reavaliadas. Isso implica questionar a visão eurocêntrica dominante e desafiar a ideia de superioridade do *design* ocidental em relação a outras formas de conhecimento e prática. Desmantelar essas hierarquias abre espaço para a valorização de múltiplas formas de *design* e o reconhecimento das vozes marginalizadas.

Por fim, o *design* pode se tornar um agente de transformação social que busca equidade, justiça e sustentabilidade em todas as fases do processo. Tornando-se uma ferramenta para capacitar e fortalecer comunidades, desafiando e decolonizando estruturas e sistemas desequilibrados. Essas implicações evidenciam a importância da abordagem consciente e crítica ao *design*, que reconheça a interconexão de todas as coisas e valorize a diversidade de conhecimentos e perspectivas.

---

## REFERÊNCIAS

BASTIÃO, L. *Poetas analfabetos*. Youtube, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YbtQzErLdjc>>. (Acesso em: 5 jun. 2023.)

BARROS, M. *Livro sobre nada*. São Paulo: Leya; 2010.

BORDA, OF. *Conocimiento y poder popular*. Texas: Universidade de Texas; 2007.

CANÇADO, W. *Sob o pavimento a floresta: cidade e cosmopolítica*. [Tese de Doutorado.] Belo Horizonte: UFMG; 2019.

CLARKE, A. J. (ed.). *Design anthropology. Object culture in the 21st century*. Viena: Springer-Verlag; 2011.

ESCOBAR, A. *Autonomía y diseño: La realización de lo comunal/Arturo Escobar*. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial; 2016.

\_\_\_\_\_. *Contra o terricídio*. N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://www.n1edicoes.org/textos/190>. (Acesso em: 1 mai. 2023.)

INGOLD, T. *Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*/Tim Ingold; tradução de Fábio Creder – Coleção Antropologia. Petrópolis: Vozes; 2015b.

MOREL, M. *A saga dos Botocudos: guerra, imagens e resistência indígena*. São Paulo: Hucitec; 2018.

SANTOS, A. B. *Somos da terra*. n. 12. Belo Horizonte: PISEAGRAMA, 2018. p. 44-51.

SIBA. *Toda vez que eu dou um passo*. Spotify, 2007. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/4Wq59XCoxdaqYbEkJgKqIx?si=bc-0c537b629b41f4>>. (Acesso em: 5 jun. 2023.)

STRATHERN, M. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: UNICAMP; 2006.

\_\_\_\_\_. *Strathern beyond the Human: Testimony of a Spore*. *Theory Culture Society*, v. 31, n.2-3, 2014.

TSING, A. *Viver nas ruínas. Paisagens multiespécie e antropoceno*. Brasília: IEB Mil; 2019.